



## VIGILÂNCIA EPISTEMOLÓGICA NA PESQUISA SOCIAL

Vilson Cesar Schenato<sup>1</sup>

Roseilda Maria da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente texto parte das considerações de Bourdieu (1999), de suas reflexões metodológicas relacionadas à profissão de sociólogo, mais especificamente no que tange ao controle epistemológico. Uma vez que há na Sociologia a ausência de uma teoria do conhecimento que realize uma reflexão mais aprofundada sobre o próprio fazer sociológico, a falta de uma epistemologia que significaria a reflexão sobre as reflexões sociológica. Discutimos as soluções propostas por Bourdieu para manter uma vigilância epistemológica e, assim, não se cair em uma Sociologia espontânea e ligeira, próxima do senso comum e nem deixar obscurecer uma visão mais crítica sobre a pesquisa social na construção de um conhecimento cientificamente válido e verificável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vigilância Epistemológica. Pesquisa Social. Rigor Científico.

## EPISTEMOLOGICAL VIGILANCE IN SOCIAL RESEARCH

**ABSTRACT:** This paper starts from considerations of Bourdieu (1999), their methodological reflections related to the profession of sociologist, more specifically with respect to the epistemological control. There is an absence of Sociology in a theory of knowledge to undertake a deeper reflection on the sociological make itself, the lack of an epistemology that would mean reflecting on the sociological reflections. We discuss the solutions proposed by Bourdieu to maintain an epistemological vigilance and without falling into a spontaneous Sociology and quick, next the common sense and not let obscure a more critical view of social research in building a scientifically valid and verifiable knowledge.

**KEYWORDS:** Epistemological Vigilance. Social Research. Scientific Rigour

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais e Doutorando em Ciências Sociais. Professor efetivo de Sociologia no IFPB (Instituto Federal da Paraíba). Email: [vil\\_son@yahoo.com.br](mailto:vil_son@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais. Professora substituta de Sociologia da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba).



## 1. INTRODUÇÃO

Construir conhecimento não é reproduzir a cópia fiel do real, mas entender as maneiras diferentes de construí-lo (WEBER, 2001); seguindo tal pensamento, é possível enveredar por vários caminhos metodológicos para se produzir ciência. Ficar preso apenas a uma via seria reduzir as possibilidades de compreender os diversos aspectos de uma mesma temática.

Assim como diria Minayo (2000), as sociedades humanas existem num determinado tempo e os grupos sociais estão em constante dinamismo e transformação, ou seja, o objeto das ciências sociais é dinâmico, logo, as transformações são constantes. Além do domínio teórico-social, o cientista social, em sua formação, deve ter acesso à compreensão das diferentes metodologias para a realização da pesquisa social.

Ser um especialista em metodologia não é garantia de que o trabalho científico seja produtivo e criativo, pois a metodologia possui seus limites, e, muitas vezes, é preciso conjugar métodos variados para dar conta de uma problemática, ou mesmo, (re) inventar os meios que possibilitem as descobertas científicas e a construção do conhecimento.

Nesse debate, estão as formas utilizadas pelos cientistas sociais para produção científica, sem cair no “achismo” do senso comum e nem se manter na rigidez de tal produção, não querendo dizer que se deve deixar o rigor epistemológico e metodológico na pesquisa social.

Partindo de Bourdieu (1999), refletimos como um sociólogo deve agir ao encontrar-se num campo de pesquisa junto ao seu objeto, que precauções deverá tomar nos diversos momentos da construção do conhecimento, para torná-lo válido perante a comunidade científica. Para tanto, a própria Sociologia (uma Sociologia do Conhecimento) é imprescindível na análise das práticas que envolvem a profissão de sociólogo, mantendo uma vigilância epistemológica para a manutenção do rigor acadêmico.

A Sociologia de Pierre Bourdieu, de acordo com Bonnewitz (2003), incomoda por duas razões: primeiro, por suas reflexões metodológicas em relação à profissão do sociólogo e, segundo, por não dissociar o discurso do sociólogo da posição que ele ocupa no campo social, atacando a ideologia do intelectual que adota um ponto de vista necessariamente desinteressado e “neutro” sobre a realidade que descreve.



O sociólogo teria como papel descrever e analisar mecanismos de dominação social, e, além disso, combatê-los, sendo que “[...] estas preocupações metodológicas e epistemológicas estarão presentes em todas as suas análises teóricas que, como a sua concepção da sociedade ou do indivíduo, se inscrevem numa perspectiva crítica” (BONNEWITZ, 2003 p. 50). Como realizar esse “jogo de combate” sem cair na militância ou no senso comum?

Ao iniciar o estudo do fato social sem a devida “conquista”, ou seja, com pré-noções, valores ou perspectivas partidárias, parte-se de premissas “erradas”, o que faz o pesquisador chegar a conclusões igualmente erradas. A mera tentativa de descobrir onde está o erro faz com que estejamos construindo conhecimento; resta saber se ele é cientificamente válido.

Ao procedermos por meio do “erro”, a chance de chegarmos numa verdade construída e verificável cientificamente é zero. Desse modo, o sociólogo que detém certas precauções epistemológicas é o especialista que detém a autoridade para analisar e tratar com profundidade assuntos que envolvem questões sociais, indo além das aparências e do senso comum.

O sociólogo deve tratar o objeto sociológico, rompendo com as rotinas do discurso pedagógico e reconstruindo a *força heurística* que traz a descoberta, a invenção, o novo, contra os conceitos e procedimentos “mortos”, naturalizados pela canonização, com uma roupagem científica e “trapuda” das ortodoxias.

Para tanto, é preciso uma “vigilância epistemológica” na pesquisa social, sistematizando a prática sociológica, sendo que a pesquisa não precisa ser algo acabado e nem procurar leis gerais, mas seguir certos princípios que a fazem ciência, sem abrir mão do mínimo de coerência e consistência teórica.

Muitos pesquisadores, na tentativa de manter as ortodoxias, as tradições, as escolas sociológicas, ou, por outro lado, de seguir o que está na moda, os objetos de estudos que dão mais prestígio no momento, acabam negando os princípios teóricos e procedimentos técnicos que teriam maior capacidade de leitura do real.

Desdobram-se disso duas práticas: a distorção da realidade para se encaixá-la no conceito, mantendo a mesma *doxa* e a aceitação de interpretações do real quase que automáticas, por intermédio de conceitos que, por estarem já banalizados, são simplificados e “naturalizados” sem questionamentos críticos.



Na formação para o ofício de sociólogo há a necessidade de se formar um *habitus* de sociólogo possibilitando-lhe analisar, além da realidade social, a sua própria prática científica. Ou seja, uma disposição mental que traga a condição da reflexão e invenção, com novos métodos ou programas metodológicos, que alarguem a visão do pesquisador para outras possibilidades de invenção, fora do encaixotamento metodológico. Não havendo receitas para isso, pode-se, na visão de Bourdieu, incentivar o desenvolvimento de um *habitus* de sociólogo com “aptidão para inventar” (BOURDIEU, 1999 p. 16).

Sabemos que a metodologia por si mesma não é a garantia de um trabalho produtivo e inventivo, pois se o método é o caminho para se chegar à descoberta do novo, tal como diria Paul Feyerabend e sua anarquia epistemológica na obra *Contra o Método*: não existe método já dado para se criar ou descobrir o novo. Se trilharmos somente os métodos existentes, só confirmaremos as teses até então vigentes, portanto, não existem receitas prontas para se chegar às novas descobertas e verdades científicas (FEYERABEND, 1989).

Além dessa capacidade inventiva no *habitus* de sociólogo, teríamos uma vigilância epistemológica que Bourdieu nos apresenta como uma espécie de equilíbrio, pelo qual temos o cuidado para não cair nem no objetivismo e nem no subjetivismo, extremos que precisam ser evitados na prática sociológica.

Desse modo, um dos legados de Bourdieu foi um conhecimento praxiológico que procura superar tanto a fenomenologia quanto o objetivismo. Se o autor fosse classificar o seu próprio trabalho, colocaria em termos de *construtivismo-estruturalista* ou *estrutural-construtivismo*. Estruturalismo, no sentido de que, independente do que os indivíduos pensam e desejam, existem estruturas objetivas que são capazes de condicionar e orientar as ações, as práticas e as representações. Construtivismo, porque há uma gênese social dos esquemas de percepção e ação que constituem o *habitus*, e que também constituem os campos, grupos e classes sociais (BOURDIEU, 1990). Em termos gerais, existe um dilema nas ciências sociais que se aventuram por dois caminhos aparentemente opostos e que não se casariam: subjetivismo e objetivismo (BOURDIEU, 1990).

Pierre Bourdieu, portanto, propõe uma Sociologia sem cair em extremos, não pendendo nem para o objeto, nem para o sujeito; nem empirismo e nem convencionalismo, utilizando-se da Sociologia para pensar ela própria, de forma racional e consciente. A reflexão epistemológica possibilita a expurgação das superficialidades, espontaneidades, dogmas, ideologias e pré-noções que podem ser objeto de análise, mas não elementos constituintes da Ciência Social.



Karl Marx ao ponderar sobre a terceira tese de Feuerbach, afirmava que o educador precisa ser educado, atentando para o fato de que a atividade humana, a mudança de si mesmo e as condições histórico-sociais estão inter-relacionadas e só poderiam ser compreendidas por meio de uma crítica radical conectada a uma práxis revolucionária (MARX, [1846] 1986).

Teoria e prática estão interligadas dialeticamente, ou seja, conhecer o mundo não implica a contemplação e o afastamento do real, mas o educador é como um trabalhador intelectual, apreendendo o mundo pela atividade subjetiva e transformando a si mesmo, ao praticar seu ofício, atuando sobre a realidade em que está inserido.

Ao pensarmos com Bourdieu (1999), podemos dizer que o “[...] sociólogo precisa ser sociologizado” (BOURDIEU, 1999 p.17). Isso quer dizer que ele precisa compreender onde ele se posiciona, suas relações no campo científico-social, e, ao mesmo tempo, incorporar, em sua disposição mental, esse controle da prática científica na confrontação com o erro, podendo assim “[...] tirar um conhecimento mais verdadeiro” (BOURDIEU, 1999 p.17), mais próximo do real.

Como já dissemos, não existe nenhum método perfeito ou uma receita dada para o *fazer-se* da ciência sociológica percebida como processo. Desse modo, não há razões para nos prendermos a um rigorismo metodológico fixista, pois, de acordo com Bourdieu o erro é retificado numa teoria da verdade com rigores específicos.

## **2. ROMPER COM O APARENTE**

Geralmente o que é familiar é visto como normal, natural, evidente e, além disso, confortante, para manter a ordem do senso comum. Inversamente, a inquietação é uma das atitudes que mais caracteriza a profissão do sociólogo, pelo questionamento, pela reflexão crítica e aprofundada, percebendo as construções sociais e suas relações para além do aparente, do já conhecido. Levando em consideração essa característica da Sociologia, fica a seguinte questão: como se inaugura uma ruptura com o aparente, com o senso comum, em nome de tal ciência?

Para Bourdieu, são necessários três atos epistemológicos que passam pela conquista, construção e constatação do fato científico (BOURDIEU, 1999 p. 18), sendo que o controle epistemológico nas Ciências Humanas é imprescindível, sendo mais fácil de cair no senso comum, já que a fronteira entre os dois discursos é imprecisa. (BOURDIEU, 1999 p.



23). Como é possível romper com o conhecimento comum? Um rompimento com as representações do senso comum para se fazer ciência?

O autor coloca que, devido ao peso das “noções comuns”, o controle epistemológico, numa ruptura com o senso comum, deve utilizar de todas as técnicas de objetivação; vejamos algumas delas: 1- Crítica léxica e lógica da linguagem comum, para a elaboração de noções científicas. 2- Uso da estatística para quebrar com certas induções espontâneas. 3- Contestação decisória e metódica das aparências. A ruptura com o real e suas percepções primeiras do conhecimento comum, através da invenção, rompendo com o “manifesto” e descobrindo os elementos latentes.

Ou seja, a Sociologia presente em “[...] uma pesquisa séria leva a reunir o que o vulgo separa ou a distinguir o que o vulgo confunde” (BOURDIEU, 1999 p. 25). O debate sobre aparência e essência foi um dos temas mais caros aos marxistas; a ideologia teria a função de encobrir o real que aparece de forma distorcida, mas a aparência constituía a “casca” desse real, que precisava se tornar transparente por meio da ciência, para se chegar à essência, em outros termos: ir além da superfície aparente, chegando a sua profundidade real. Contra as simplificações aparentes, Bourdieu (1999) afirma que o mundo social é complexo e não pode ser explicado pela simplificação de uma Sociologia espontânea.

No momento em que o sociólogo está na observação, ou, mesmo, na experimentação, uma relação bastante próxima é estabelecida com o seu objeto, e como relação social, não se pode dizer que é puro conhecimento; os dados se apresentam como configurações. Nessa relação, na construção do conhecimento, em que cientista e senso comum interagem, é necessário tratar os fatos, postos ao pesquisador como algo estranho, para se chegar a possíveis resultados com teor rigoroso, uma vez que um dos caminhos para se construir ciência é separar as evidências do senso comum, com a condição de opor as pretensões sistemáticas da Sociologia espontânea à resistência organizada de uma teoria do conhecimento do social.

Para não cairmos em espontaneísmos na prática sociológica, exige-se o esforço contínuo em armar a vigilância epistemológica para evitar que as noções sejam contaminadas pelas pré-noções. Isso sem a pretensão de se chegar a conceitos perfeitos (ou formais demais), mas cunhando a ruptura pela crítica à linguagem comum, depurando suas categorias, evitando que elas desapareçam sob o disfarce erudito (BOURDIEU, 1999 p. 32).

O autor fala do corte epistemológico que estabelece a separação entre a explicação e compreensões científicas com as de senso comum, ou de uma Sociologia espontânea:



(...) os esquemas utilizados pela explicação sociológica à prova da explicitação completa que será possível evitar a contaminação a que estão expostos os esquemas mais depurados sempre que eles apresentam uma afinidade de estrutura com os esquemas comuns (BOURDIEU, 1999 p. 36).

Cabe ao profissional proceder à desnaturalização, traçando o sistema de relações que envolvem o objeto construído pelo pesquisador, fugindo da ideia essencialista que generaliza e naturaliza o ser humano.

A linguagem comum precisa passar por uma crítica metódica, não adiantando conceitos definidos rigorosamente, se não foi feita anteriormente essa crítica, pois a ausência dela pode disfarçar pré-noções “eruditizadas”. Não se trata de criar uma distância entre o leigo e a linguagem erudita, mas de romper com o discurso espontâneo. Um dos primeiros passos para se fazer ciência é a crítica metódica da linguagem corrente, com vistas a limpar o terreno das pré-noções, para, aí, sim, construirmos noções cientificamente válidas (BONNEWITZ, 2003).

### **3. DO DISTANCIAMENTO ÀS TÉCNICAS ESCOLHIDAS**

Já na relação com um público mais abrangente do que o da academia, muitas vezes, o sociólogo é chamado a encarnar um profeta. Isso para Pierre Bourdieu et alli (1999) deve ser combatido, pois a Ciência Social deve se afastar de pré-noções e do “bom” senso comum e de decidir o destino do ser humano. Vemos claramente a concordância com Max Weber, com relação ao papel do sociólogo (homem de ciência), em diagnosticar os problemas e não em profetizar que caminho deve ser trilhado (homem de ação / político).

O sociólogo que recusa a construção controlada e consciente do seu distanciamento do real e de sua ação sobre ele pode não só impor aos sujeitos determinadas questões que não fazem parte da experiência deles, deixando de formular questões suscitadas por tal experiência, formulando reflexões ingênuas, a partir das questões que ele próprio se formula a respeito deles, por uma confusão positivista entre as questões que se colocam objetivamente aos sujeitos e as questões que eles se formulam de forma consciente. “Portanto o sociólogo terá de fazer uma difícil escolha quando desencaminhando por uma falsa filosofia da objetividade, vier a tentar anular-se como sociólogo” (BOURDIEU et alli, 1999 p. 51).

Sabe-se que a realidade social é complexa, e apenas uma técnica de pesquisa não dá conta de compreendê-la. Podemos citar aqui a Análise de Discurso (AD) como uma técnica



limitadora, pois os discursos podem contradizer as práticas sociais que não foram observadas. Considerando isso, a utilização de outras técnicas e metodologias combinadas podem elucidar aspectos variados do objeto de estudo em questão. Por exemplo, a utilização de entrevistas orais, etnografia e estatística, para elucidar, de forma multifacetada, determinada pesquisa social.

Todo o processo de pesquisa envolve escolhas que podem ser conscientes ou inconscientes em relação a uma teoria. Para haver um controle epistemológico efetivo é necessário que esse processo seja consciente; mesmo que a técnica tenha aparência de “neutra”, ela é uma escolha do sociólogo, referendada por uma teoria, pois toda técnica de pesquisa ou a prática sociológica, como um todo, pressupõem construções.

Na prática sociológica faz-se necessário refletir sobre as potencialidades e limitações de cada técnica, em cada caso específico de pesquisa social, questionando quais instrumentos de observação e medição são os mais adequados.

As técnicas de pesquisa são também “[...] técnicas de sociabilidade qualificadas do ponto de vista social” (BOURDIEU et alli, 1999 p. 55). Nem as entrevistas semiestruturadas – diretivas – as não diretivas, nem a observação participante e a etnografia são imparciais, na medida em que desconstruímos, de alguma forma, a rotina social de um determinado grupo, ao pesquisá-lo, e construímos com ele relações as mais diversas, que podem envolver inclusive afetividades.

Além disso, o sociólogo precisa questionar as perguntas da pesquisa, tanto num momento anterior, quanto posterior à sua realização e refletir conscientemente (teoricamente) sobre os conceitos ali introduzidos (BOURDIEU et alli, 1999 pp. 56 - 57). Conforme o objeto e a teoria do objeto construído, teremos uma técnica que será mais adequada e que renderá mais para o entendimento das relações construídas, mas ela deve passar por reflexão metódica que pode implicar em re-invenção de métodos e técnicas (BOURDIEU et alli, 1999).

#### **4. REFLEXÃO METÓDICA, ANALOGIAS E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO**

Apesar das limitações de todo modelo, é possível ter uma vigilância constante por meio do modelo analógico. O raciocínio por analogia tem o papel, na Sociologia, de procedimento comparativo, pré-condição para a construção do objeto, hipóteses e problematizações. Há, na Sociologia, uma importância grande dada ao pensar por analogias,





como se fosse a forma principal do pensar sociológico. Sabe-se que toda forma limita o conteúdo e ela novamente possui suas limitações.

Nas considerações de Bourdieu et alli (1999), a Sociologia não está ainda sedimentada, consolidada, não podendo ser autorreferendada, buscar explicações em si mesma, mas sempre inventar hipóteses no diálogo e analogicamente com outras ciências mais “consolidadas”. O próprio Bourdieu busca isso na geografia com a sua noção de “espaço social”; na economia, com a noção de capital social, investimento, acumulação; no esporte, com as noções estratégias, jogo de forças etc.

A construção do objeto e das analogias não ficaria, portanto, somente no campo da ciência, assim como o cientista não se reduz somente à sua profissão; busca, sim, dialogar com outras formas de conhecer o real, como a arte (teatro, poesia, música, pintura, etc.), a filosofia, a religião, a magia o senso comum, etc.

É importante destacar que o sociólogo não faz isso de forma naturalizada; ele tem cuidado com o rigor científico e metódico de suas construções que, para se manterem, precisam passar pelo crivo da (auto) crítica epistemológica.

Há durante o processo de fazer ciência um momento em que a liberdade da imaginação sociológica voa, e cria de forma mais solta, mas é necessário ter os pés no chão e estar alerta para o rigor científico. A arma a ser utilizada nessa vigilância é a própria ciência, uma Sociologia da Sociologia, ou seja, uma crítica sistemática e analítica de cada ato do processo, desde a conquista, construção e constatação, envolvendo o todo da análise social.

Contra uma Ciência Social superficial, baseada em modelos mecânicos e simplistas e que não servem à invenção, é preciso se utilizar de modelos que possuam um sistema de relações que vão além das aparências. Somente através da abstração é possível romper com as semelhanças aparentes e construir metodicamente os objetos então conquistados contra as evidências primeiras.

Os três atos epistemológicos (conquista, construção e constatação) não são separados um do outro; formam um procedimento unitário, havendo entre eles uma integração hierárquica em que a constatação coloca à prova o conhecimento construído; por sua vez, essa verificabilidade, está relacionada com o grau de rompimento com as aparências superficiais, ou seja, com a etapa de conquista do objeto pesquisado. De tal modo que, o modelo teórico é simultaneamente construção e ruptura. Rompimento com as semelhanças e a construção de analogias profundas e novas relações por meio de um racionalismo aplicado (BOURDIEU et alli, 1999).



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fronteira entre o conhecimento comum e a ciência, em Sociologia, não é tão definida assim, por isso, a necessidade de uma ruptura epistemológica. É pela Sociologia da Sociologia que se torna possível uma forte crítica epistemológica, procurando deixar claros os “inconscientes” e as filiações a que tradição teórica os sociólogos aderem, trazendo a reflexão sobre a própria prática sociológica envolvida num contexto social e histórico que a condiciona, onde os agentes estão dispostos, posicionados, conforme suas trajetórias dentro deste campo social.

É preciso uma análise do campo intelectual sociológico em que se esquadrihem as diferentes posições e oposições epistemológicas desse espaço social. Dessa forma, conseguimos compreender onde cada pesquisador está inserido e quais as possibilidades de alcançar certas posições nesse campo. Nesse sentido, o que define o pesquisador e o seu trabalho, não é somente sua vocação, mas as condições sociais que determinam sua prática intelectual.

Uma Sociologia da ciência sociológica consegue perceber as condições sociais em que o produto da ciência (a verdade científica) é produzido em determinado campo social, com suas relações de forças, lutas e estratégias entre dominantes (ortodoxias) e dominados (heterodoxias) por meio de interesses e investimentos, visando o monopólio da autoridade científica. O próprio sociólogo precisa tomar consciência de sua posição e situação nesse campo e, ao mesmo tempo, explicitar os pressupostos inconscientes que, através de uma reflexão epistemológica apurada, consegue romper com elementos estranhos à ciência e o levam a um controle consciente de sua prática.

Para se desenvolver uma objetividade maior em nossa ciência é preciso condições sociais e instituições que garantam que a vigilância epistemológica seja estimulada entre os próprios sociólogos. As trocas de críticas generalizadas de suas práticas sociológicas com seus pares / concorrentes, propícia o rompimento tanto com os pequenos “feudos” das tradições de determinadas escolas e das hierarquias acadêmicas, desvencilhando-se de práticas clientelísticas. Permitindo que se tornem públicos as pesquisas e estudos por meio do debate científico, da reflexão coletiva, tornando mais plena a comunicação e a exposição dos postulados epistemológicos, potencializando a explicitação dos elementos inconscientes e reforçando a vigilância e o controle epistemológico em cada sociólogo.



A comunidade científica sociológica deve adotar sociabilidades próprias que as distinguem da espontaneidade mundana e pré-científica, procurando encontrar a forma de organização e funcionamento mais adequada para o desenvolvimento de práticas sócio-científicas com controle e vigilância epistemológica, inventividade e, por consequência, com autoridade para tratar do social com o devido rigor científico.

Além da vigilância epistemológica, constitui-se em desafio atual para a Sociologia se consolidar ainda mais enquanto ciência, o de como reduzir as analogias com outras formas de conhecimento e construir teorizações autorreferidas na própria Sociologia.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. "O Campo Científico". In ORTIZ, Renato (org.) **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. Pierre, PASSERON, Jean.-Claude e CHAMBOREDON, Jean-Claude. **A Profissão de Sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FEYERABEND, Paul, **Contra o Método** 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã** (I – Feuerbach), Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec, [1846] 1986.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento-** pesquisa qualitativa em saúde. 7ª Ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais, parte 1**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora Estadual de Campinas, 2001.